

Sabrina Denise Ribeiro, Priscila Arantes*

Cultura surda em museus: o lugar de fala na mediação de surdos

*

Sabrina Denise Ribeiro é surda, artista visual, educadora e pesquisadora. Graduada em Artes Visuais pela Faculdade Paulista de Artes (2004), Pós-graduada em Arte Educação pelo Centro Universitário SENAC (2019) e Mestranda em Design, Arte e Tecnologia pela Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Atua como educadora surda na equipe do Programa Educativo para Públicos Especiais (PEPE) no Núcleo Ação Educativa no museu Pinacoteca de São Paulo, desde 2008. Tem experiência na área de artes, com ênfase em mediação cultural e arte educação em museus. Atua como pesquisadora sobre os seguintes temas: artes visuais, arte educação, história da arte, produção artística, curadoria, acessibilidade cultural, cultura surda, arte surda, manifesto De'VIA e glossário de história da arte em Libras.

<sabrinaderi@uol.com.br>

ORCID 0000-0003-3323-7090

Priscila Arantes é pesquisadora, crí-

Resumo O objetivo deste artigo é expor a importância do protagonismo surdo em museus. No Brasil, o número de pessoas surdas que atuam como educadoras e mediadoras é muito pequeno. A hipótese levantada por esse artigo é que a mediação entre educador surdo e público surdo é fundamental. Quando o surdo é atendido por um ouvinte, mesmo que este saiba se comunicar em Libras (Língua Brasileira de Sinais), a mediação fica incompleta pois muitos códigos da comunicação se perdem na interação e o intérprete de Libras ouvinte não domina totalmente o vocabulário necessário para repassar as informações, o pensamento, as abstrações, o sentimento entre outras especificidades que só o membro da cultura surda conhece. Para desenvolver essa hipótese o artigo traz três estudos de caso: (1) a participação de surdos na nomeação das obras em Libras do escultor Aleijadinho na cidade de Congonhas, em Minas Gerais, (2) a elaboração do videoguia do Museu Pinacoteca na cidade de São Paulo e (3) o Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum na cidade de Olathe, Kansas, EUA, que tem se dedicado exclusivamente à Cultura Surda desde 2001.

Palavras-chave 1Cultura Surda, Mediação em Museus, Libras (Língua Brasileira de Sinais), Protagonismo Surdo.

tica e curadora no campo da arte e estética contemporânea. Formada em filosofia pela USP, com pós-doutorado pela UNICAMP e Penn State University (USA), é professora do Departamento de Artes da PUC/SP e também diretora adjunta da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. É professora do PPG Em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Diretora e curadora do Paço das Artes, instituição da Secretaria de Estado da Cultura de SP de 2007 a 2020 desenvolvendo inúmeros projetos curatoriais, seminários nacionais e internacionais, eventos e publicações. É autora de *Arte @ Mídia: perspectivas da estética digital* (FAPESP/SENAC), finalista do 48 Prêmio Jabuti, *Reescrituras da Arte Contemporânea: história, arquivo e mídia* (Ed. Sulina), *Urgências na Arte*, dentre outros. É vice-diretora da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte) e integra, como convidada, o grupo de pesquisadores do ID+, instituto de pesquisa da Universidade de Porto e Aveiro (Portugal).
<priscila.a.c.arantes@gmail.com>
ORCID 0000-0002-0500-0849

Deaf Culture in Museums: the Place of Speech in Deaf Mediation

Abstract *In Brazil, the number of deaf people who act as educators and mediators is very small. The hypothesis raised by this article is that the mediation between deaf educator and deaf public is fundamental. When the deaf person is assisted by a hearing person, even if he knows how to communicate in Libras (Brazilian Sign Language), the mediation is incomplete because many communication codes are lost in the interaction and the interpreter of Libras listener does not fully master the vocabulary necessary to pass on the information, the thought, the abstractions, the feeling among other specificities that only the member of the deaf culture knows. To develop this hypothesis, the article brings three case studies: (1) the participation of deaf people in the naming of works in Libras by the sculptor Aleijadinho in the city of Congonhas, in Minas Gerais, (2) the elaboration of the video guide of the Pinacoteca Museum in the city of São Paulo and (3) the Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum in the city of Olathe, Kansas, USA, which has been dedicated exclusively to Deaf Culture since 2001.*

Keywords *Deaf Culture, Mediation in Museums, Libras (Brazilian Sign Language), Deaf Protagonism.*

La cultura sorda en los museos: el lugar de habla en la mediación de los sordos

Resumen *En Brasil, el número de sordos que actúan como educadores y mediadores es muy pequeño. La hipótesis que plantea este artículo es que la mediación entre el educador sordo y el público sordo es fundamental. Cuando la persona sorda es asistida por una persona oyente, aunque sepa comunicarse en Libras (Lengua de Signos Brasileña), la mediación es incompleta porque muchos códigos de comunicación se pierden en la interacción y el intérprete de Libras oyente no domina completamente el vocabulario necesario para transmitir la información, el pensamiento, las abstracciones, el sentimiento entre otras especificidades que sólo conoce el miembro de la cultura sorda. Para desarrollar esta hipótesis, el artículo trae tres estudios de caso: (1) la participación de personas sordas en el naming de obras en Libras del escultor Aleijadinho en la ciudad de Congonhas, en Minas Gerais, (2) la elaboración de la video guía del Museo Pinacoteca en la ciudad de São Paulo y (3) el Museo de Historia, Arte y Cultura Sorda y el Museo William J. Marra en la ciudad de Olathe, Kansas, EE. UU., que se dedica exclusivamente a la Cultura Sorda desde 2001.*

Palabras clave *Cultura Sorda, Mediación en Museos, Libras (Lengua Brasileña de Señas), Protagonismo Sordo.*

Introdução e objetivo

A escritora e atriz francesa surda Emmanuelle Laborit, em sua obra “O Grito da Gaivota” explica a importância para a pessoa surda ter contato com outros surdos desde criança e, assim, poder construir sua identidade surda. E como, a partir daí, passa a entender e interpretar o mundo em sua volta. Defende ainda a importância do mediador surdo nas relações com outros surdos, servindo de referência para que estes se sintam representados e incluídos nos diferentes setores da sociedade, incluindo as artes (LABORIT, 2000).

O surdo tem um jeito próprio de aquisição de conhecimento que passa por canais diferentes dos ouvintes. Fazer com que o jovem surdo tenha interesse pela arte e, ao visitar um museu, ele saiba admirar uma obra de arte, é preciso que haja um trabalho diferenciado com este (CRUZ, 2016). Muitas pesquisas já foram feitas nesse campo em relação à educação escolar do surdo, ao processo de aquisição de conhecimento do surdo e aos avanços da psicologia e da neurologia em relação aos processos de desenvolvimento cognitivo do surdo (SACKS, 1998). Poucas pesquisas focam no aprendizado do surdo dentro do museu mediado por um educador surdo.

Neste sentido o presente artigo tem o objetivo de ser um começo de uma pesquisa apontando para caminhos possíveis de fazer com que a arte seja compreendida e apropriada pelo público surdo.

Antes de tudo, torna-se importante explicar a definição de Cultura Surda. Segundo a professora surda Dra. Karin Lilian Strobel da Universidade Federal de Santa Catarina, Cultura Surda se define sob três aspectos: pessoas surdas que veem o mundo de maneira diferente e com experiência visual; surdos que compartilham experiências com os outros surdos e, com isto, origina a identificação como pertencente a um grupo distinto e minoritário e grupos de pessoas que compartilham uma língua, valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios (STROBEL, 2016).

De acordo com Chaveiro e Barbosa (2005),

Conviver no universo das pessoas com deficiência envolve uma mudança de paradigmas, e, para os surdos, essa mudança ocorre quando são aceitos e respeitados e a LIBRAS possibilita ao surdo a interação social e intelectual, permitindo o acesso ao conhecimento científico e a integração interpessoal (CHAVEIRO e BARBOSA, 2005, p. 418).

O número de surdos que visitam e frequentam museus no Brasil sempre foi muito baixo. Até o ano de 2003, quando não tinha educador surdo na Pinacoteca, por exemplo, o número de visitantes surdos atendidos era de 50 por ano. A partir do momento em que a autora deste artigo começou a trabalhar como educadora surda na Pinacoteca, em 2008, o número de visitantes surdos aumentou de 50 para 200 por ano até 2015 (OLIVEIRA, 2015). Em março de 2020, com a pandemia do coronavírus, a Pinacoteca fechou temporariamente, reabrindo em outubro de 2020 com público redu-

zido, sem a presença dos educadores. Em 2022, com a pandemia de Covid-19 mais controlada por parte da saúde pública e com a maioria das pessoas já vacinadas, as visitas estão se normalizando paulatinamente, mediante apresentação de comprovante de vacinação e uso de máscaras.

A entrada da autora deste artigo na Pinacoteca como educadora surda, estimulou o aumento de visitas de estudantes surdos, oriundos de escolas públicas e particulares, para visitarem o museu pois sabiam que seriam recebidos por uma educadora surda, capaz de tornar a visita de fato inclusiva, proveitosa e agradável.

Ações como essa, somente são possíveis quando há garantia de transporte gratuito, em especial, para as escolas públicas, o que demonstra a importância de políticas públicas voltadas a garantir o direito de ir e vir dos estudantes surdos em equipamentos culturais, colaborando com a sua formação pessoal, profissional e cidadã.

A maioria dos educadores surdos e/ou ouvintes intérpretes de Libras tem vínculo frágil com as instituições, o que não garante a presença constante destes profissionais e, portanto, não estimula a presença do público surdo em museus e exposições. A mobilidade dos surdos enquanto cidadãos em espaços culturais depende exclusivamente da presença de um educador surdo ou intérprete de Libras nestes lugares. Como ressalta Menezes e Santos (2006),

Salienta que a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, “reconhece a Língua Brasileira de Sinais LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão, e torna obrigatória sua adoção, pelo poder público em geral e por empresas concessionárias de serviços públicos”. Esse reconhecimento é como uma forma de garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva. (MENEZES e SANTOS, 2006, p.98).

Quando o acolhimento é feito por um educador também surdo, este público se apropria mais do espaço pois tem a garantia de que todos as simbologias, metáforas e códigos, serão traduzidos para a Cultura Surda de forma completa.

Partimos, neste sentido da seguinte hipótese: se houver de fato um protagonismo surdo nos museus, em toda a sua plenitude, desde exposição de artistas surdos, para público surdo e com educadores surdos, isso possibilitará a melhor consolidação da cidadania surda, tanto no sentido de desinvisibilizar artistas surdos, como de garantir emprego qualificado para profissionais surdos e ainda, estimular a frequência do público surdo em museus e demais espaços culturais?

Cultura Surda em Museus: o Lugar de Fala na Mediação de Surdos é constituída basicamente por duas partes. A primeira parte aborda dois trabalhos fundamentais no protagonismo surdo no Brasil: a participação de surdos na nomeação das obras em Libras do escultor Aleijadinho na cidade de Congonhas, em Minas Gerais, e a elaboração do videoguia do Museu Pinacoteca na cidade de São Paulo. A segunda parte aborda o Museum of Deaf

History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum na cidade de Olathe, Kansas, EUA, que tem se dedicado exclusivamente à Cultura Surda desde 2001. O objetivo destas duas abordagens é mensurar o quanto a presença de educadores, artistas, curadores e profissionais surdos nos museus contribuem fortemente para o fortalecimento do protagonismo surdo em ambientes culturais, como direito garantido na legislação brasileira.

Ações inclusivas: o caso Aleijadinho, em Minas Gerais, e o Design Inclusivo da Pinacoteca de São Paulo

Ana Mae Barbosa defende que a arte não é apenas um direito básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite, arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. E como conteúdo, representa o melhor do ser humano. Para Barbosa (2012, apud Cruz 2016) os três modos de se relacionar com a arte de forma articulada a uma aprendizagem integral são: “interpretando as pistas visuais da imagem, compreendendo seu contexto histórico e produzindo respostas a estes estímulos dentro de uma linguagem artística” (p. 61). Ou seja, uma Abordagem Triangular da arte para a formação plena do educando (BARBOSA, 1991).

A Abordagem Triangular, apoiada da tríade **contextualização, apreciação e fazer artístico**, pode ser uma aplicação intencional do educador colocando em ação seu trabalho sob essa perspectiva. Mas pode também tratar-se de uma leitura sobre uma ação desenvolvida ao longo da ação educativa.

Um exemplo disso, é uma pesquisa realizada, em 2018, pela professora e pesquisadora Milene Barbosa, tradutora e intérprete de Libras do Instituto Federal de Minas Gerais, com um grupo de pessoas surdas em relação ao conjunto de esculturas “Os Doze Profetas” de Aleijadinho.

As pessoas surdas, nascidas na região de Congonhas (MG), onde está o conjunto de esculturas, não sabiam a história nem o significado destas obras. Elas acreditavam tratar-se de uma homenagem a pessoas que viveram na cidade. Isso porque na escola onde estudaram não havia explicação em Libras, nas aulas de artes, para os alunos surdos poderem entender.

A pesquisadora Milene Barbosa, a fim de garantir a equidade de informação para o público surdo, trabalhou com um grupo de jovens surdos moradores da região, que receberam formação histórica, cultural e artística sobre as obras de Aleijadinho. A partir desta imersão formativa, estes jovens criaram seus próprios sinais em Libras para cada escultura, para o autor da obra e demais elementos relacionados ao contexto material e histórico da arte barroca, que culminou na construção de um inventário em Libras que serve de base para as visitas monitoradas para o público surdo.

Essa pesquisa mostra respaldo na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, uma vez que, para possibilitar aos surdos a criação de terminologias sobre as obras de Aleijadinho em Libras, foi preciso um apro-

fundamento na **contextualização** histórica da obra. Em seguida, os jovens surdos fizeram uma **apreciação** das obras, ou seja, uma leitura de todas as informações visuais (explícitas e implícitas) das esculturas. Para, finalmente, partirem para o **fazer artístico** que nesse caso, culminou na criação, por parte dos próprios surdos, em sinais em Libras, para cada elemento do conjunto da obra “Os Doze Profetas” de Aleijadinho.

A pesquisa de Milene Barbosa mostrou a importância de os surdos participarem como protagonistas da construção de um vocabulário novo voltado para temas dominados pelos ouvintes. Os surdos que participaram desta pesquisa produziram um inventário em Libras sobre o conjunto da obra de Aleijadinho, participaram de uma formação completa de monitoria para se tornarem mediadores responsáveis pelo atendimento ao público surdo que visitar a cidade de Congonhas (IFMG, 2018).

No mundo dominado pela oralidade, os ouvintes se tornam “donos” das informações e produtores do conhecimento sobre os surdos, enquanto os próprios surdos ficam na margem, na periferia e privados do conhecimento, tendo seu protagonismo invisibilizado.

Projetos como este, da pesquisadora Milene Barbosa, do Instituto Federal de Minas Gerais, ajudam a mudar este cenário pois, ao potencializarem talentos surdos invisibilizados, colocam os surdos no papel de produtores e multiplicadores do conhecimento, fortalecendo assim o protagonismo surdo.

Se por um lado, pessoas surdas em museus fazendo a mediação entre obra e público surdo tem se mostrado cada vez mais imprescindível para a inclusão de surdos na cultura museológica, a falta desse mediador surdo ou de um ouvinte intérprete de Libras no museu, não pode ser o impeditivo dos surdos acessarem o conhecimento presente nos acervos destes equipamentos culturais.

A tecnologia assistiva chegou nos museus e espaços culturais de diversas formas para quebrar barreiras: videoguias em Libras (aparelho com sinalização em Libras e legenda em Português), QR Code criado para acesso online à informações das obras, dentre outros que possibilitam o acesso dos surdos à informação.

Figura 1. Fotografia da própria autora, 2018.



Em 2012, a autora deste artigo, que já trabalhava como educadora surda na Pinacoteca, foi convidada pela instituição para contribuir na pro-

dução do Videoguia (Figura 1). O conteúdo começava com a história da Pinacoteca, em seguida, sugeria um roteiro em forma de Mapa (Figura 2) pelas obras, totalizando 30 minutos aproximadamente. O videoguia contava com a descrição de 17 salas e era retirado gratuitamente na recepção do museu. Em 2018 o videoguia foi desativado por limitações técnicas e obsoletas.

Figura 2. Fotografia da própria autora, 2018.



Em 2021, potencializado pela pandemia de Covid-19, a Pinacoteca adotou um novo recurso de acessibilidade para surdos: vídeos explicativos acessíveis por QRCode). Os vídeos foram atualizados pela mesma educadora. São 23 leituras de obras do acervo da Pinacoteca, com explicação em Libras, legenda em português e voz em português.

O vídeoguia é acessível a partir do celular do próprio visitante através de QRcodes disponibilizados num mural. (Figuras 3 e 4)

Figura 3. Fotografia da própria autora, 2021.



Figura 4. Fotografia da própria autora, 2021.



Recursos como este, possibilitam a visita autônoma dos surdos, sem precisar da ajuda de um educador(a) surdo(a) e/ou intérprete de Libras.

Não é todo acervo da Pinacoteca que pode ser acessado pelo QRCode. Atualmente somente 23 obras do acervo permanente são acessíveis ao

público surdo por esse recurso. Além do acesso limitado ao acervo permanente, o recurso do videoguia via QRCode também não abrange as exposições temporárias, já que elas precisam ser atualizadas periodicamente. Espera-se que futuramente todas as obras do acervo da Pinacoteca e de exposições temporárias sejam acessíveis ao público surdo utilizando esse recurso do QRCode pois garante maior autonomia e qualidade de informação ao visitante surdo.

A informação qualificada passada para o público surdo em museus não deve se restringir às tecnologias assistivas ou mesmo a uma simples explicação em Libras, seja com educador surdo, seja com ouvinte intérprete de Libras. Ações como essas são imprescindíveis, mas sozinhas não bastam.

O Design Inclusivo da Pinacoteca inclui também um conjunto de ações didáticas e pedagógicas pautadas, desenvolvidas pela autora desse artigo, que vão de encontro à proposta da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, para trabalhar com o público surdo visitante.

No ensino de arte para surdos o recurso imagético é um artefato pedagógico rico de possibilidades para o ensino de arte em museus para o público surdo.

Para Ana Mae Barbosa a imagem no processo de aprendizagem traz significação para o aluno ou educando, desenvolvendo sua capacidade para um olhar atento e crítico, independentemente da origem desse estudante. Ana Mae defende, ainda, a democratização da arte, de forma que ela vista como produto de qualquer cultura e classe social e seja acessível a todos os grupos culturais e todas as classes sociais. É importante saber e conhecer as diversidades dentro das diversidades, e suas interrelações. (BARBOSA, 2010).

Como educadora surda, formada em Artes Visuais e atuante na Pinacoteca desde 2008, a autora desse artigo desenvolveu propostas didáticas, que vão de encontro à proposta da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, para trabalhar com o público surdo visitante.

Para Ana Mae Barbosa a imagem no processo de aprendizagem traz significação para o educando, desenvolvendo sua capacidade para um olhar atento e crítico, independentemente da origem desse estudante. Ana Mae defende, ainda, a democratização da arte, de forma que ela vista como produto de qualquer cultura e classe social e seja acessível a todos os grupos culturais e todas as classes sociais. É importante saber e conhecer as diversidades dentro das diversidades, e suas interrelações. (BARBOSA, 2010).

A Abordagem Triangular defendida por Ana Mae proporciona uma flexibilidade do ensino da arte respeitando a realidade do educador e dos educandos e é baseada na tríade: contextualização, apreciação e fazer artístico.

Nas visitas de surdos à Pinacoteca, a Abordagem Triangular é organizada da seguinte maneira:

1. **Contextualização** da obra apresentada ao público surdo explicada em Libras de forma interativa pela educadora surda.
2. **Apreciação** que é o momento de leitura da imagem e todas as suas informações visuais (explícitas e implícitas). É o encontro entre sujeito e

objeto. Para uma leitura imagética qualitativa é preciso deixar o espectador tecer suas próprias opiniões a partir daquilo que ele vê. É o processo reflexivo e crítico, onde os estudantes desenvolvem sua capacidade de formular teorias. Fomentação de autonomia pedagógica diante de um fato numa tomada de decisão.

3. **Fazer artístico**, que se trata da experimentação por meio da prática, que não é necessariamente a criação de algo, mas a geração de uma reflexão crítica sobre tudo o que se pode extrair da obra. O fazer artístico é um convite do educador aos alunos para vivenciarem uma experiência em que o pensamento crítico, criativo e reflexivo será colocado em prática. O aluno mobiliza seus conhecimentos conceituais e procedimentais e articula suas ideias. Como diz Ana Mae, o professor de arte ou educador é um provocador de experiências. (BARBOSA, 2012).

Aqui, retoma-se o conceito de Design Inclusivo, pois a proposta da atividade leva em conta a **elaboração de materiais interativos**, voltados para um determinado público surdo, com objetivos e metodologia bem definidos para atingir os objetivos pedagógicos da proposta.

Para cada obra apresentada pela educadora surda da Pinacoteca ao público surdo, tem um recurso de apoio embasado num design visual e expositivo elaborado exclusivamente para cada público e situação.

Para garantir o direito do surdo de exercer sua cidadania, os museus devem ser lugares de aprendizagem e de conhecimento onde os surdos podem ter a oportunidade de vivenciar o uso da Libras, receber informações de modo imagético e tecnológico, e compreender que ocupam uma posição de agente social ativo e produtor de cultura e de conhecimento.

O Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum e o movimento artístico Deaf View/Image Art (De'VIA)

Um bom exemplo de protagonismo surdo pleno e total é o Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum (figura 5) localizado na cidade de Olathe, no estado do Kansas, nos Estados Unidos da América.

A história do Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum se entrelaça com a história do movimento artístico Deaf View/Image Art (De'VIA) que “alimenta” os núcleos que formam o museu: história, arte e cultura (figura 6).

Tanto o museu como o movimento artístico de surdos De'VIA são importantes referências do protagonismo e da decolonização de artistas surdos, possibilitando a estes a expressão das várias formas de arte presentes na identidade e na cultura surda, que priorizam a experiência visual, em favor da língua de sinais, do ativismo surdo, contra a opressão e imposição do modelo ouvinte ou do ouvintismo.

Figura 5. Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum.

Fonte: <https://www.museumofdeaf.org/explore>.



Figura 6. Deaf View/Image Art (De'VIA).

Fonte: <https://www.museumofdeaf.org/exhibits-3/chuck-baird-art-gallery>.



Um pouco da história do Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum

Fundado como Kansas Educational Foundation, em 25 de março de 1988, depois que um grupo de surdos e ouvintes em Kansas (EUA) notou uma placa da rodovia que levava à cidade de Olathe, no estado de Kansas, que sinalizava a localização da Kansas School for the Deaf (KSD). O grupo resolveu visitar o local e passou a divulgá-la a outros surdos. A escola passou a atrair a atenção de um grande número de pessoas, surdas e ouvintes, que se dirigiam até a KSD para pedir informações sobre a escola, sua história e a cultura dos surdos. Este número expressivo de pessoas interessadas no tema, inspirou o grupo de surdos e ouvintes na cidade de Olathe a criar um espaço que, além da escola, abrigasse um centro de informações sobre a cultura surda.

Em 1992, a Kansas Educational Foundation expandiu seus objetivos e atividades, e estabeleceu um centro próximo da KSD para atender à crescente demanda do público surdo e ouvinte da região. Os moradores da cidade de Olathe abraçaram a causa e receberam apoio do Kansas Heritage Trust (agência estadual de fundos do Kansas), que conseguiu levantar o dinheiro necessário para a construção do novo prédio da sede.

O museu abriu as portas pela primeira vez ao público em 29 de setembro de 2001, e com exposições de artistas surdos em 2005. A Kansas Educational Foundation foi renomeada mais tarde como Deaf Cultural Center

Foundation em 2009, quando o Conselho Diretor se certificou que o novo nome se encaixava melhor no novo papel que estavam assumindo como um centro de recursos, atividades sociais e eventos para surdos e seus familiares e amigos.

O nome foi alterado novamente em 2017 para Museum of Deaf History, Arts & Culture (MDHAC) porque Conselho Diretor buscava expandir seus horizontes além da cidade de Olathe, e dar visibilidade para a vibrante história, arte e língua da cultura surda.

William J. Marra Museum

O William J. Marra Museum funciona dentro Museum of Deaf History, Arts and Culture.

William J. Marra (figura 7), que viveu entre 1907 e 1992, foi um surdo que dedicou sua vida, entre outras atividades, à coleta, organização e preservação de informações, documentos, artefatos históricos, fotografias, pinturas, relíquias, entre outros objetos relacionados aos surdos.

Figura 7. William Marra.

Fonte: <https://www.museumofdeaf.org/museum>.



Marra nasceu e foi criado em Kansas City, se formou na Kansas State School for the Deaf e na Gallaudet University. Foi professor na Kansas School for the Deaf por 38 anos, aposentando-se em 1976.

O primeiro William J. Marra Museum foi inaugurado em 20 de setembro de 1986 dentro da Kansas School for the Deaf, tornando-se uma fonte de orgulho para a comunidade surda.

No ano de 2009 o Museum of Deaf History, Arts and Culture recebeu dentro das suas dependências o novo William J. Marra Museum, passando a chamar-se, então, Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum.

O MDHAC é um museu voltado totalmente para a cultura e comunidade surda, desde os funcionários, voluntários, curadores e artistas que lá expõem. É um espaço do protagonismo surdo garantido e tem apoio da comunidade ouvinte também.

Pelas informações que estão no site, todo o trabalho do museu é gerido e movimentado por surdos e para o público surdo, seus familiares e amigos. O protagonismo surdo é uma característica forte do Museum of

Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum, que vive de doações de pessoas comuns e grandes fundações.

O museu está constantemente com exposições de artistas surdos em evidência, porém, no período da pandemia da Covid-19, as visitas presenciais foram suspensas e apenas atividades on-line continuaram sendo ofertadas. Em 2022, as atividades voltaram de forma híbrida. As visitas presenciais ocorrem apenas aos sábados, mediante agendamento e limite máximo de pessoas. Nos demais dias palestras, oficinas, debates e workshops ocorrem de forma online. O fato do museu se dedicar exclusivamente à comunidade surda não impede a visita de ouvintes. Mas é bom ressaltar que todos os funcionários do museu são surdos e a língua prevalente é a de sinais.

Considerações Finais

As iniciativas de inclusão em museus são determinantes para potencializar o protagonismo surdo. A presença de educadores surdos e ouvintes fluentes em Libras garantem o cumprimento da função social dos museus e contribuem no fortalecimento da identidade surda. (TOJAL; OLIVEIRA; COSTA; RIBEIRO; CHIOVATTO, 2012).

As ações desenvolvidas pela Pinacoteca a partir da contratação de uma educadora surda e da disponibilidade de QRCode que acessam vídeos em Libras e com legendas em português; o trabalho da pesquisadora Milene Barbosa na formação de surdos como mediadores culturais em Congonhas, Minas Gerais; e a existência de um Museu específico para surdos, o Museum of Deaf History, Arts and Culture and the William J. Marra Museum em Kansas, nos Estados Unidos, são exemplos de como tratar o surdo com cidadania e respeito, pois oferece às pessoas surdas condições diferenciadas para alcançar a igualdade no direito de acessar de forma completa as atividades e produções artísticas e culturais.

Vale ressaltar a importância das parcerias entre as instituições culturais, a iniciativa privada e as organizações não-governamentais para a concretização das ações que fortaleçam a participação dos surdos como agentes do processo, e não somente como público beneficiário das ações.

Projetos que tiram os surdos da invisibilidade, formando-os para serem donos da sua história, fortalecem o protagonismo surdo e garantem seu lugar cidadão no mundo.

Para que estas ações sejam bem sucedidas é fundamental incluir e sensibilizar as pessoas ouvintes para as reais necessidades dos surdos. Por isso a Libras deve ser ensinada também como segunda língua dos ouvintes nas escolas. Assim, a comunicação e inserção do surdo na sociedade se efetiva.

Identificar e compreender a diversidade artística é uma das dimensões fundamentais na vida em sociedade e na promoção da cidadania. Nunca é demais repetir: ser surdo é ser estrangeiro no seu próprio país.

Referências

- ARANTES, Priscila; de OLIVEIRA, Mirtes Marins. **Design e Ativismo**. DATJournal, 4(2), 1-2., 2019. <https://doi.org/10.29147/dat.v4i2.124>.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae T. B. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2012a. Ed. 8.
- BARBOSA, Ana Mae; FACCA, Claudia. **Ensino do Design e da Arte**. DATJournal, 5(2), 1-6. 2020. <https://doi.org/10.29147/dat.v5i2.213>
- CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. **Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social**. Rev Esc Enferm USP, n. 39, v. 4, p. 417-22, 2005.
- CRUZ, Andreza Nunes Real da. **Aula de arte para com surdos: criando uma prática de ensino**. Dissertação de Mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2016.
- INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. In: **Obras de Aleijadinho em Congonhas ganham terminologia em Libras**. Ministério da Educação, Belo Horizonte, 20 set 2018. (<https://www.ifmg.edu.br/portal/noticias/obras-de-aleijadinho-em-congonhas-ganham-terminologia-em-libras>). Acesso em: 27 nov 2022
- LABORIT, Emmanuelle. **O Grito da Gaivota**. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- MENEZES, Ebenezer Takuno de. SANTOS, Thais Helena dos. **“LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)”**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira. Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2006.
- MORAES, Dijon de. **Fenomenologia do design contemporâneo**. DAT Journal, 5(2), 7-24, 2020. <https://doi.org/10.29147/dat.v5i2.188>
- MUSEUM OF DEAF HISTORY, ARTS AND CULTURE, 2022. (<https://www.museumofdeaf.org/>). Acesso em: 27 nov 2022
- OLIVEIRA, Margarete. **Cultura e inclusão em museus: processos de formação em mediação para educadores surdos**. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.

TOJAL, Amanda Fonseca; OLIVEIRA, Margarete; COSTA, Maria Christina; RIBEIRO, Sabrina Denise; CHIOVATTO, Mila. **A inclusão de públicos especiais em museus: o programa educativo para públicos especiais da Pinacoteca do Estado de São Paulo**. In: IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus. Educação museal: experiências e narrativas. Brasília: IBRAM, 2012, p.24-31. Prêmio Darcy Ribeiro 2010.

Recebido: 04 de setembro de 2022.

Aprovado: 25 de outubro de 2022.